

Estudos Culturais e Cultura Periférica: aproximações possíveis¹

Amanda Rosiéli Fiuza e Silva²

Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Santa Maria, RS.

Resumo

O artigo teórico parte de uma discussão que visa compreender as contribuições da perspectiva dos estudos culturais para pensarmos as questões da cultura periférica, especificamente do movimento *hip hop*. Por meio de uma discussão teórica que envolve a redefinição do conceito de cultura e a valorização das práticas culturais das classes populares, explanamos uma narrativa, dentre as várias versões possíveis, das origens dos estudos culturais e seus principais momentos e avanços teóricos. Logo, perpassamos para a avaliação das articulações que este campo de estudos pode nos ser útil para compreendermos as práticas culturais do movimento *hip hop*. Metodologicamente utilizamos a revisão bibliográfica para compormos nossas reflexões e pressupostos.

Palavras-chave: teorias da comunicação; estudos culturais; cultura periférica; movimento *hip hop*.

Introdução

A proposta do artigo busca uma aproximação com os conceitos ligados ao campo dos estudos culturais, a fim de compreender as contribuições advindas dessa perspectiva teórica e de que forma pode nos auxiliar a compreender as práticas culturais das comunidades periféricas, especificamente o movimento *hip hop*. Assim sendo, para tensionar nossas reflexões construímos uma narrativa que apresenta uma versão da história do marco de surgimento dos estudos culturais e os principais momentos de direcionamentos do campo, bem como a constituição do seu legado teórico. Para posteriormente, traçarmos reflexões acerca do movimento *hip hop*. A metodologia utilizada consistiu numa revisão bibliográfica.

Stuart Hall (1997, p.1) nos dá um direcionamento para compreendermos as questões concernentes aos estudos culturais e o “amplo poder analítico e explicativo que o conceito de cultura adquiriu na teorização social”. Conforme Hall (1997), percebemos nas últimas décadas a ressignificação e ampliação da noção de cultura a partir das reorientações dos

¹ Trabalho apresentado no GP - Teorias da Comunicação do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Comunicação Midiática, linha Mídia e Identidades Contemporâneas, pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (POSCOM-UFSM), Bacharela em Comunicação Social: Publicidade e Propaganda pela UFSM. e-mail: rosieliandamanda@gmail.com.

estudos culturais na denominada “virada cultural”, momento em que a cultura passou a ter espaço central nas problematizações teóricas. Sendo assim, voltaremos nossos olhares para a cultura dos espaços populares, assim como fizeram os teóricos Stuart Hall e Jesús Martín-Barbero, descentralizando o conceito de cultura como algo produzido apenas pelas “elites”. Logo, situar a “experiência cotidiana” das comunidades periféricas como produtoras de sentido e significações.

1. Curta-metragem: exibição de uma narrativa do marco dos Estudos Culturais

Pretendemos contar uma breve narrativa que aborde questões importantes para o entendimento de como os Estudos Culturais se configuraram enquanto campo de estudos e trazer alguns momentos históricos que auxiliaram na constituição do seu legado teórico. Para tanto, dialogaremos com os autores Escosteguy (2010), Hall (2013), Cevasco (2003) e Barbero (2001). Nosso intuito é construir uma narrativa que contemple perspectivas que permitam demonstrar os deslocamentos que os Estudos Culturais realizaram e de que forma contribuíram para que a concepção de cultura fosse ampliada e permitisse explicar as transformações da sociedade e entender as práticas culturais que permeiam os diferentes espaços sociais.

Antes de prosseguirmos no desenrolar da trama, cabe salientarmos que não buscamos através dessa narrativa decretar uma verdade absoluta e fechada em si mesmo. Por outro lado, procuramos contar a história em forma de retrospectiva de modo a expor o marco inicial e teórico dos estudos culturais, ao mesmo passo, despontar os momentos que foram importantes para a constituição do campo, concomitantemente, as transformações e redirecionamentos que este sofreu ao longo das décadas.

Hall (2013a, p.143) já nos contempla com a seguinte frase “no trabalho intelectual sério e crítico não existem *inícios absolutos* e poucas são as continuidades inquebrantadas”. O autor já nos alerta para a dificuldade de demarcar um início de surgimento dos estudos culturais. Além disso, para o fato que os estudos culturais trilham diferentes direcionamentos e sofriam com “pressões externas” que obrigavam o campo a se reconstituir, ou seja, o que Hall (2013a) vai denominar como “deslocamentos”.

Segundo Escosteguy (2010), as “narrativas dominantes” que se difundem ao longo das décadas consideram que os estudos culturais se consolidaram de forma organizada a partir da fundação do Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS), na Universidade de Birmingham, Inglaterra, no ano de 1964, tendo como fundador o pesquisador Richard

Hoggart. O contexto sócio - histórico era de pós-guerra, momento de profundas mudanças e transformações na sociedade britânica, que suscitava uma nova maneira de compreender valores e significados incumbidos na vida social dos indivíduos. Conforme (Cevasco, 2003; Escosteguy, 2010; Hall, 2013a), *Culture and Society* (1958) - Raymond Williams, *The Uses of Literacy* (1957) - Richard Hoggart e *The Making of the English Working Class* (1963) - Edward. P. Thompson conformaram o início da configuração do campo dos estudos culturais. Nas palavras de Hall (2013a, p.145) essas obras ou textos seminais constituíram “a cesura da qual – entre outras coisas – emergiram os estudos culturais”.

Conforme Hall(2013a), os estudos culturais eclodiram devido a necessidade dos pesquisadores em romper com as formas tradicionais de pensar a cultura. Na época, as teorias limítrofes e reducionistas que concebiam a cultura como uma esfera separada da vida social cotidiana, as quais já não davam conta de explicar a profusão dos fenômenos e transformações sociais pela qual a sociedade britânica estava passando. Escosteguy (2010) destaca que os estudos culturais foram concebidos num contexto sócio histórico em que o impacto da organização capitalista transformou as relações socioculturais, refletindo nas culturas tradicionais de classe e na crise da identidade britânica. A partir dessa perspectiva, tendo como base Schwarz, a autora expõe os princípios que considera como os fundadores dos estudos culturais, sendo assim:

A identificação explícita das culturas vividas como um objeto distinto de estudo, o reconhecimento da autonomia e complexidade das formas simbólicas em si mesmas; a crença de que as classes populares possuíam suas próprias formas culturais, dignas do nome, recusando todas as denúncias, por parte da chamada alta cultura, do barbarismo das camadas sociais mais baixas; e a insistência em que o estudo da cultura não poderia ser confinado a uma disciplina única, mas era necessariamente inter, ou mesmo anti, disciplinar (ESCOSTEGUY, 2010, p.30).

A partir disso, percebe-se que o debate cultural, a partir dos estudos culturais, sofreu um desvio radical. As classes populares desvalorizadas pela forma binária de classificar cultura e “não cultura”, provenientes do modo de pensamento burguês elitista, começaram a ser valorizadas e ganhar espaço nas análises dos estudos culturais britânicos. Logo, neste contexto, os estudos culturais centraram seus olhares também para as práticas cotidianas das classes populares como partes integrantes do processo de produção cultural.

Como explana Escosteguy (2010, p.27), os eixos centrais que circundaram as preocupações dos estudos culturais envolviam as “relações da cultura contemporânea e

sociedade, isto é, suas formas culturais, instituições e práticas culturais, assim como suas relações com a sociedade e as mudanças sociais”. Já Hall (2013b, p.224) concebe “como objeto privilegiado de estudo: cultura, ideologia, linguagem e simbólico”. Estas concepções nos oferecem alguns indícios de como o campo de estudos culturais estava se constituindo e as orientações dos pesquisadores em direção a determinados temas. Além disso, que a versão britânica não apresentava uma unificação teórica, ou seja, o campo mostrava-se ainda bastante aberto. Como afirma Cevalco (2003, p.51), “os estudos culturais eram polêmicos devido ao fato da falta de direções consagradas e de restringir um elemento definidor de um campo novo ainda em expansão”.

Entretanto, Hall (2013b) alerta que, apesar dos estudos culturais possuírem uma variedade múltipla de discursos e também diversidade de trajetórias, não devemos reduzir e simplificar os estudos culturais.

Apesar do projeto dos estudos culturais se caracterizar pela abertura, não se pode reduzir a um pluralismo simplista. Sim, recusa-se a ser uma grande narrativa ou um meta-discurso de qualquer espécie. Sim, consiste num projeto aberto ao desconhecido, ao que não se consegue ainda nomear. Todavia, demonstra vontade em conectar-se; têm interesse em suas escolhas (HALL, 2013b, p.221).

(Escosteguy, 2010; Hall, 2013a) nos contemplam trazendo algumas explicações dos conteúdos tratados nas obras que são consideradas os marcos dos estudos culturais britânicos. Os autores apresentam como cada uma contribuiu para a configuração do campo e, naquele contexto sócio histórico, foram consideradas rupturas na forma de conceber os estudos sobre cultura. Em resumo, na obra de Hoggart, os materiais culturais, antes desvalorizados, da cultura popular e dos meios massivos, serão temas centrais na composição teórica da obra. Escosteguy (2010) expõe que esta é uma obra autobiográfica e também cultural da história da metade do século XX. Em relação a esta obra, Escosteguy (2010, p.28) constata que “inaugura o olhar de que no âmbito popular não existe apenas submissão, mas também resistência [...]. Tratando da vida cultural da classe trabalhadora, transparece nesse texto um tom nostálgico em relação a uma cultura orgânica dessa classe”.

Conforme Hall (2013a), Hoggart na sua obra “utilizações da cultura” ao trabalhar com os meios de comunicação massiva e a influência na cultura dos trabalhadores da Inglaterra, isto é, focar nos eixos relacionados à classe popular e comunicação massiva, compõe um espírito de crítica prática. Para Hall (2013a, p.144) “a ler a cultura da classe

trabalhadora em busca de valores e significados incorporados em seus padrões e estruturas: como se fossem ‘textos’. Porém, a aplicação desse método a uma cultura viva é a rejeição dos termos do debate cultural”. Nesse viés, existe a rejeição do debate polarizado em termos da dicotomia entre alta e baixa cultura. Na obra, Hoggart, crítica à tendência de superestimarem a influência dos meios de comunicação massivos e o fato de “enxergarem” os trabalhadores de classes populares como apáticos e suscetíveis aos meios de comunicação massivos. Na obra, Thompson enfatiza que os trabalhadores resistem, ainda que não seja uma resistência para tomada dos meios de produção, mas sim cotidianamente aos percalços da vida.

Perpassando para a contribuição de Williams, Escosteguy (2010) considera que a obra “Cultura e Sociedade” foi fundamental para os estudos culturais, pois analisou a história literária a partir de um enfoque que expõe a cultura como eixo central que conecta a análise literária com a investigação social. Complementarmente, Hall (2013a, p.144) enfatiza que a obra “constitui uma tradição (a tradição de ‘cultura e sociedade’), definiu a sua unidade (não em termos de posições comuns, mas de preocupações características e formas de expressão de suas indagações)”. Para, além disso, (Escosteguy, 2010; Hall, 2013a) também analisam as contribuições do livro “The Long Revolution”, na qual consideram que Williams intensifica as reflexões sobre o impacto cultural dos meios massivos e já evidencia a necessidade de mudar o modo de analisar os aspectos culturais, demonstrando uma nova postura de pesquisador.

Para Cevalco (2003, p.13), a obra de Williams significou “[...] um mergulho histórico nos modos pelos quais a cultura foi sendo concebida ao longo da história inglesa moderna”. De um modo geral, Cevalco (2003) afirma que Williams se preocupava em entender as transformações de significado que a palavra cultura foi sofrendo ao longo das décadas e como estas (re)significações estavam ligadas as mudanças da sociedade, isto é, considerava que as mudanças de significados são reflexos das mudanças sociais. Nesse viés, tinha o intuito de entender como a cultura estava sendo concebida ao longo da história.

Segundo (Escosteguy, 2010; Hall, 2013a), a obra de Thompson “A formação da classe operária inglesa” foi pensada dentro da tradição marxista e sua base também considerou a história econômica e do trabalho da sociedade inglesa. Como afirma Cevalco (2003), foi um marco importante para os estudos culturais, pois lança um olhar diferenciado para tratar da questão da constituição da classe operária dentro da sociedade inglesa, visto que pensa para além das determinações e condicionamentos sociais e históricos. Cevalco

(2003) dialoga que Thompson considerava que a classe operária também faz parte do quadro social no qual se dá seu desenvolvimento. O processo histórico de desenvolvimento da classe não é apenas condicionado pelo capital e a concorrência de mercado, mas também pela conformação das ideias, aspirações e lutas dos operários. Logo, para Thompson, existe consciência da classe trabalhadora, mesmo que não seja para uma mudança ou tomada dos modos de produção fabril. Hall (2013a, p.145) afirma que a obra de Thompson, ao tratar questões referentes à cultura, experiência e consciência, “rompeu decisivamente com uma certa forma de evolucionismo tecnológico, economicismo reducionista e com o determinismo organizacional”. Escosteguy (2010, p.28) averigua que Thompson influenciou o “desenvolvimento da história social britânica”, levando em consideração o contexto da tradição marxista no qual estava inserido. Escosteguy (2010) expõe que

Para ambos, Williams e Thompson, cultura era uma rede vivida de práticas e relações que constituíam a vida cotidiana, dentro da qual o papel do indivíduo estava em primeiro plano. Mas, de certa forma, Thompson resistia ao entendimento de cultura enquanto uma forma de vida global. Em vez disso, preferia entendê-la enquanto um enfrentamento entre modos de vida diferentes. (ESCOSTEGUY, 2010, p.28).

Neste viés, apesar de terem algumas contradições em questão de pensamento e conceitos teóricos, podemos conceber que as obras de Williams e Thompson serviram para contrapor a sociedade burguesa, ao passo que demonstram que as classes populares também produzem cultura e que se configuram em partes significativas dos processos sociais.

A partir do exposto, verificamos que os estudos culturais, assim como nos alerta Hall (2013b), não têm uma origem simples. Cada obra contribui de maneira específica para direcionar o campo em certas reflexões e problematizações teóricas. Nesse viés, por trabalharem com questões que a tradição da alta cultura relegava ou desvalorizava, podem ser consideradas “obras de ruptura” (Hall, 2013b). Percebesse que os pesquisadores buscavam novos avanços teóricos, parte de suas insatisfações com as limitações das perspectivas teóricas até então existentes. Sendo assim, podemos constatar que Hoggart, Williams e Thompson iniciaram as reflexões do que seriam as preocupações características dos estudos culturais, ainda que não estivessem tão articulados em termos de pensamentos e teorias, em decorrência disto, nota-se que os pesquisadores percorreram diferentes trajetórias de pesquisa.

Para explicar a dinâmica fundamental dos estudos culturais Hall (2013b) propõe que devemos pensá-los como prática, isto é, relacionada ao posicionamento institucional e como o projeto. Complementarmente, Escosteguy (2010) ressalva que necessitamos compreender os estudos culturais britânicos em um duplo aspecto, isto é, como movimento teórico e político. Nesse viés, perceber do ponto de vista político devido ao fato da tentativa que os estudos culturais tiveram em se constituir como projeto político. Já, pela perspectiva teórica como um novo campo de estudos.

Na realidade, os estudos culturais se constituem na tensão entre demandas teóricas e políticas. Embora sustentem um marco teórico específico [...], a história desse campo de estudos está entrelaçada com a trajetória da New Left, de alguns movimentos sociais [...] e de publicações [...] que surgiram em torno de respostas políticas à esquerda (Escosteguy, 2010, p.35).

Nesse contexto, Hall (2013b) traz novas acepções para contar a narrativa dos estudos culturais a partir dessa dualidade entre a posição e a prática intelectual. Então, o autor nos apresenta o conceito de intelectual orgânico, apropriação de termo de Gramsci, ainda que o mesmo releve ser problemático. Contudo, frisa que não há dúvidas que os pesquisadores dos estudos culturais buscavam por uma prática institucional que possibilitasse produzir um intelectual orgânico. Apesar disso, Hall (2013b, p.277) expõe a incapacidade de detectar esse intelectual caso viessem a produzi-lo “não sabíamos previamente o que isso significaria, no contexto britânico dos anos 70, não tínhamos certeza de que reconheceríamos essa figura, caso conseguíssemos produzi-la”.

Hall (2013b) problematiza a questão do posicionamento do campo para se constituir enquanto projeto político. Sendo assim, Hall (2013b, p.222) argumenta que “não entendo uma prática que tenta fazer uma diferença no mundo que não tenha alguns pontos de diferença ou distinção a definir e defender”. Para o autor não se trata de fechar o campo, todavia, de direcioná-lo a favor de certos interesses.

Sem adentrarmos em detalhes, os estudos culturais se influenciaram por diversas teorias para constituir a matriz referencial do campo, sendo redirecionados por diversos momentos por pressões externas ao campo. Hall (2013b) cita que a eclosão do movimento feminista e as pressões em torno das questões raciais foram momentos que suscitaram novos itinerários de pesquisa, impulsionando outros avanços teóricos aos estudos culturais. Além disso, uma linha significativa de pensamento apropriada pelos estudos culturais foi à descoberta da linguística.

Escosteguy (2010) frisa que a eclosão do movimento feminista permitiu aos estudos culturais delinear novos objetos de estudos e repensar a constituição das identidades sociais não mais condicionadas apenas pelas categorias econômicas, assim como pensava o marxismo, ou seja, perceberam que existem outras variáveis que influenciam no processo de constituição identitária.

Se há um tema que possa ser identificado na primeira fase dos estudos culturais, é o da cultura como espaço de negociação, conflito, inovação e resistência dentro das relações sociais das sociedades dominadas pelo poder e fraturadas por divisões de gênero, classe e raça (GREEN, 1996b, p. 125 apud ESCOSTEGUY, 2010, p.41).

Apesar de não constar como marco do trio fundador dos estudos culturais, muitos autores citam Stuart Hall como um dos propulsores do campo, a partir do momento que assumiu a direção do Centro, substituindo Hoggart, entre os anos de 1968 a 1979. Nessa época, segundo Escosteguy (2010, p.29), Hall incentivou as investigações das “práticas de resistência de subculturas e de análises dos meios massivos, identificando seu papel central na direção da sociedade”. Para, além disso, estimulou vários debates teóricos - políticos e desenvolveu inúmeros projetos políticos.

2. Reconfigurando o cenário: outra concepção do conceito de cultura

Os estudos culturais rompem com uma tradição de pensamento teórico que categorizava a cultura a partir da dicotomia alta *versus* baixa, concebendo novas formas de pensar sobre cultura. Hall (1997) dialoga que a cultura sempre foi importante para as diversas áreas do conhecimento. Entretanto, para o autor, nem sempre as Ciências Humanas e Sociais deram a cultura a sua devida importância. Para Escosteguy (2010), os estudos culturais imprimiram uma significativa mudança no entendimento da concepção de cultura. Logo, abriram caminhos para pensar a dicotomia entre o popular *versus* erudito. Hall (1997, p.23) denomina como virada cultural “a revolução do pensamento humano em relação à noção de *cultura*”.

Para Hall (2013a), em geral, considera-se que os estudos culturais surgiram como uma “ruptura epistemológica” de um pensamento tradicional que tinha como tendência trabalhar uma perspectiva reducionista da cultura. Segundo Hall (2013a, p.143) “rupturas significativas – em que velhas constelações deslocadas, e elementos novos e velhos são

reagrupados ao redor de uma nova gama de premissas e temas”. Logo, esse rompimento propiciou que houvesse uma abertura que contemplasse novos temas e questões, as quais antes não obtinham respostas tivessem a possibilidade de serem respondidas. Como nos alerta Hall (2013a), é importante ressaltarmos que essa busca por respostas está muito ligada às questões complexas que os grupos e a sociedade enfrentavam na época. Podia ser observado que muitas das preocupações centrais dos pesquisadores que compunham o quadro dos teóricos dos estudos culturais estavam relacionadas ao seu contexto social e aos grupos dos quais faziam parte.

Primeiramente, antes de prosseguirmos nos enalços de nossas reflexões, é necessário ressaltar que nos parece caro definir um conceito para cultura, tendo em vista que nem mesmo nos estudos culturais existe uma definição unanime e não problemática. Então, salientamos que iremos abordar as mudanças mais significativas em relação ao conceito de cultura que foram importantes para os estudos culturais formarem novas conjunturas centrais.

Segundo Cevalco (2003), Williams averigua as mudanças de significados da palavra cultura e como esta estava sendo utilizada nos eixos de debates para explicar as transformações sociais. Cabe salientar que Williams estava situado no contexto de pós-guerra, momento que ocorriam profundas transformações na forma de organização da sociedade britânica. Nesse viés, conforme Cevalco (2003), Williams apresenta duas acepções de cultura, uma antes da guerra e outra pós-guerra. Logo, a cultura idealizada como distinção social constituindo posse de um grupo seletivo e a cultura como modo de vida. A partir de suas análises, ele constata que a primeira acepção da cultura relacionada à distinção social aos poucos estava desaparecendo e cedendo lugar ao uso antropológico da cultura.

A partir do exposto, podemos olhar esse redirecionamento de significado como um resquício da primeira ruptura que começa a surgir, momento em que as práticas culturais ganham espaço no entendimento e compreensão dos processos de organização e transformação da sociedade. Se antes, a cultura estava muito ligada à materialidade e a distinção social na forma do consumo das designadas obras e artes da elite, agora se propõe uma primeira abertura para entendermos os fenômenos que se inter-relacionam nos espaços sociais. Essas transformações impulsionaram uma nova maneira de pensar a cultura que as velhas teorias já não davam conta de abarcar.

Sendo assim, Cevasco (2003, p.12) dialoga que “já na década de 1950, ficou claro para Raymond Williams a necessidade de tomar uma posição sobre a cultura e de intervir no debate para demonstrar as conexões entre as diversas esferas e salvaguardar o conceito para um uso democrático que contribuísse para mudança social”.

Conforme Hall (2013a), em *The Long Revolution*, Williams sugere concepções para a conceitualização de cultura. A partir disso, o autor expõe duas maneiras diferentes de conceituar a cultura que foram extraídas das formulações de Williams.

A primeira relaciona cultura à soma das descrições disponíveis pelas quais as sociedades dão sentido e refletem suas experiências comuns. Essa definição recorre à ênfase primitiva sobre as “ideias”, mas submete-a a todo um trabalho de reformulação. A concepção de cultura é, em si mesma, socializada e democratizada. Não consiste mais no melhor que foi pensado e dito, considerando como os ápices de uma civilização plenamente realizada – aquele ideal de perfeição para o qual, num sentido antigo, todos aspiravam. Mesmo a arte – designada anteriormente como uma posição de privilégio, uma pedra de toque dos mais altos valores da civilização – é agora redefinida como apenas uma forma especial de processo social geral: o dar e tomar significados e o lento desenvolvimento dos significados comuns, isto é, uma cultura comum. (HALL, 2013a, p.147).

Conforme Hall (2013a), a segunda concepção tem o caráter mais antropológico e enfatiza o aspecto de cultura que se refere às práticas sociais. Hall (2013a) pondera ao considerar que esta concepção simplifica a definição, concebendo a cultura como um modo de vida global. O autor considera mais adequado a primeira concepção, visto que nesta o modo de vida se apresenta de forma integrada. Então, Hall (2013a, p.149) frisa que situado nesse contexto “a ‘teoria da cultura’ é definida como os estudos das relações entre elementos em um modo de vida global”. Complementarmente o autor explica a dinâmica do que considera ser cultura, logo, Hall (2013a, p.149) expõe que “a cultura não é uma prática; nem a soma descritiva dos costumes e culturas populares [*folkways*] das sociedades, como ela tende a se tornar em certos tipos de antropologia. Está perpassa por todas as práticas sociais e constitui a soma dos inter-relacionamentos das mesmas”.

Averiguamos que tentar conceituar cultura é um processo bastante complexo. Partimos do pressuposto que essa dificuldade está em grande medida relacionada às particularidades da cultura em cada contexto e âmbito social. Por esta envolver as inter-relações de diversos campos sociais, além disso, por ser uma experiência vivenciada por sujeitos que estão em constante dinâmica. Sendo assim, o melhor norteamento para

entendermos a cultura é concebê-la como algo que é vivenciado pelos indivíduos e não pode ser separada dos processos sociais do cotidiano que estes estão envolvidos.

3. Estudos culturais: reflexões sobre a cultura periférica

É inegável a contribuição dos estudos culturais para a análise da cultura na sociedade. Nossa ênfase, nessa escrita, tratará de refletir as contribuições da perspectiva dos estudos culturais para analisarmos a cultura periférica, especificamente, o movimento *hip hop*. Para tanto, compreendemos como cultura periférica as manifestações artísticas de caráter sociopolítico que provém de âmbitos onde a desigualdade social e infraestrutura precária imperam em que a diferença não está apenas relacionada à separação geográfica espacial entre “centro” e “periferia”, mas sim na distinção social que diferencia os indivíduos moradores desses espaços tanto geograficamente quanto socialmente.

Primeiramente, iremos contextualizar brevemente o *hip hop* e as condições dos espaços onde as expressões culturais do movimento se desenvolvem. Sem adentrarmos em detalhes, para Heschmann (2005), o movimento *hip hop* surgiu em meados dos anos 70 nos Estados Unidos na zona do Bronx. O contexto social era de segregação racial e a população que vivia nos guetos, maioria negra, estava insatisfeita com a situação de precariedade estrutural em que viviam e as condições severas a que eram submetidas. Sendo assim, as expressões culturais do movimento *hip hop* eclodiram como uma forma de resistência e protesto. Caracterizada como uma cultura oriunda das ruas e expressada por jovens que vivem em periferias ou comunidades.

A partir da perspectiva dos estudos culturais e da reconstrução do conceito de cultura, segundo Hall (2013b), como todo um modo de vida em que as práticas culturais são resultados das inter-relações dos processos sociais do cotidiano que envolve os sujeitos, abriram-se caminhos teóricos e metodológicos para concebermos as culturas periféricas a partir de um contexto amplo de influências e interferências. De uma forma relacional, os processos e instituições sociais interferem na constituição das práticas culturais das comunidades periféricas.

Os estudos culturais ao romperem com os pensamentos tradicionais e redimensionar suas análises para o viés da cultura popular e da comunicação massiva, a partir de influências teóricas que trabalhavam com o tensionamento entre o hegemônico e o dominado e os possíveis efeitos do massivo na cultura popular, proporcionaram um leque

de conceitos e legados teóricos que contribuem para pensarmos as expressões culturais do movimento *hip hop* a partir dessas relações conflitivas. Desse modo, auxilia-nos a entender que na classe popular não existe somente dominação, assim como nem tudo é resistência.

Além disso, as redefinições das noções de poder e resistência que foram repensadas a partir do campo dos estudos culturais pode ser um norteamento para refletirmos que o poder existe em várias esferas e é uma prática do cotidiano que se manifesta de distintas formas, ou seja, não está apenas concentrado em grandes instituições sociais. Partindo desse pressuposto, a cultura pode ser considerada como uma forma de poder e resistência. Logo, compreendemos que a cultura *hip hop* ao revelar práticas e expressões culturais das comunidades periféricas faz enfrentamentos à cultura elitista, fortemente legitimada nos diversos âmbitos e instituições que compõe a sociedade.

Outra forma de refletirmos e direcionar nossas concepções para que possamos compreender as práticas culturais da periferia é através da concepção da natureza comunicativa da cultura, proposta por Barbero (2001). Nessa lógica, a cultura produz sentidos e significações, logo é um elemento de comunicação. Nesse viés, a cultura da periferia pode ser concebida como uma forma de afirmação identitária a partir do momento que apresenta modos de vida e estilos das comunidades onde se originam.

A partir do processo de desconstrução da concepção da arte elitista como superior e ao permitir uma visão positiva das classes populares e de suas práticas culturais, os estudos culturais lançaram novos modos de perceber os espaços das comunidades periféricas. Neste sentido, o movimento *hip hop* pode auxiliar na valorização e afirmação da periférica enquanto espaço que possui potencialidades. Por outro lado, entendemos que as expressões artísticas do movimento *hip hop* agem “duelando” contra a arte e estéticas culturais impostas na sociedade. Demonstrando que existem diversas formas de expressões culturais e que, além disso, a cultura *hip hop* configura-se como uma forma de reivindicação social.

Então, notou-se, em uma breve explanada, a partir dos estudos culturais e da importância de estudar o contexto, que a periferia é um espaço propulsor de expressões culturais, porém, não está isolada da influência das experiências que os sujeitos moradores da comunidade vivenciam nos diferentes âmbitos da sociedade, ou seja, fora da periferia. Sendo assim, sabe-se que os jovens das periferias sofrem cotidianamente por estigmas sociais. A acessibilidade de muitos serviços é negligenciada, principalmente quando falamos nos aparelhos culturais e ao acesso aos locais de cultura. Essas limitações, muitas vezes, privam os jovens de espaços de lazer. Todos esses fatores irão refletir na forma como

as práticas culturais são expressas pelos moradores das comunidades, principalmente, pelos membros da cultura *hip hop*. Os elementos da cultura *hip hop* irão, na maioria das vezes, constituir-se como ferramentas de denúncia e reivindicação social, revelando as precariedades das comunidades e a rigidez com que os jovens são tratados pelos aparelhos do sistema, prioritariamente, a corporação policial.

Outro aspecto influenciador na constituição do movimento é a apropriação das formas de expressão do *hip hop* pela indústria cultural. Logo, ao serem transformadas em produtos para consumo acabam sendo submetidas à mercê das leis de mercado. Sofrem adaptações nas formas culturais, muitas vezes, perdendo sua essência de produto cultural político, para se adequarem como produtos vendíveis a outras classes sociais. Diante disso, em um duplo movimento inclui e exclui as expressões culturais da periferia e aumenta o estigma social dessa cultura. Visto que as práticas culturais oriundas das comunidades não se encaixam nas formas de consumo vendidas pelo mercado.

Considerações Finais

A grande contribuição dos estudos culturais é a forma de analisar os processos sociais por meio da cultura. O deslocamento analítico permitiu compreender os sujeitos muito além da divisão de classes sociais, concebendo-os como partes integrantes de uma sociedade interligada e em constante inter-relação. De um modo geral, os estudos culturais ao designarem novos direcionamentos para pensarmos o conceito de cultura ampliaram as dimensões epistemológicas, proporcionando as reelaborações das teorias até então vigentes. Além disso, ampliou as dimensões dos objetos de estudos.

Os estudos culturais ao conceber a cultura como modo de vida integrado permitiu entender a importância do contexto social. Além disso, ao conceberem o cotidiano da vida popular tornaram abrangentes as diferentes práticas culturais. Nesse contexto, possibilitou-nos visualizar nas comunidades periféricas práticas culturais e de afirmação identitária. Logo, essas práticas culturais podem ser vista como uma forma de resistência aos processos de exclusão social que os indivíduos moradores desses espaços são submetidos. Nesse viés, por meio do *hip hop* os indivíduos conseguem se incluir em grupos com os quais se identificam. Além disso, demonstram que os indivíduos de classes menos favorecidas também conseguem desenvolver processos de resistência até mesmo nas suas práticas cotidianas de sobrevivência. Então, a partir dessa constatação, voltamos a afirmar que não existe só dominação nas classes menos favorecidas.

Os estudos culturais, ao romperem com os condicionamentos teóricos que compreendiam a identidade apenas atrelada a categoria de classe, ampliaram a discussão nos debates que envolvem o processo de constituição da identidade, tornando possível a percepção que existem muitas variáveis que influenciam nesse processo identitário.

Para, além disso, a idealização dos estudos culturais como projeto político inquietou-me sobre o tipo de trabalho intelectual que irei desenvolver como pesquisadora. A responsabilidade social em produzir um trabalho que contribua para a ação social. Nas palavras de Hall (2013b, p.239) um trabalho “político-intelectual orgânico”.

Referências bibliográficas

MARTÍN BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001, p.270-334.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

COSTA, Jean Henrique. Os estudos culturais em debate: um convite às obras de Richard Hoggart, Raymond Williams & E. P. Thompson. **Acta Scientiarum**. Maringá, v. 34, n. 2, p. 159-168, July-Dec., 2012.

ESCOSTEGUY, Ana C. **Cartografias dos estudos culturais**. Uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 27-64.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & realidade**, v. 22, n. 2, p. 15-37, 1997.

_____. Estudos culturais: dois paradigmas. In: HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013a, p. 143-175.

_____. Estudos culturais e seu legado teórico. In: HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013b, p. 219-240.

_____. Codificação/Decodificação. In: HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013c. p. 428-447.

HERSCHMANN, M. ; GALVÃO, T. Algumas considerações sobre a cultura hip hop no Brasil hoje. In: SILVIA H. S. Borelli.; JOÃO, Freire. F. (Orgs.). **Culturas juvenis no século XXI**. São Paulo: EDUC, 2008, p. 195-210.

HERSCHMANN, M. **O funk e o hip hop invadem a cena**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.